

Neste Natal, o que fica para além dos presentes?

written by Clara Boavista | 13 de Dezembro, 2025

OCIDADÃO
Journalism Online

OPINIÃO
Clara Boavista



Todos os anos, à medida que o Natal se aproxima, instala-se uma inquietação silenciosa nas famílias: o que oferecer às crianças e aos jovens? As montras iluminam-se, a publicidade promete felicidade imediata e as listas de presentes parecem não ter fim. Ainda assim, raramente nos interrogamos se esta abundância responde, de facto, às necessidades mais profundas dos nossos filhos. Talvez este seja o momento certo – precisamente agora, numa época de excessos – para repensar prioridades.

Vivemos num tempo em que os objetos se acumulam, mas o tempo escasseia. Os brinquedos multiplicam-se, mas o entusiasmo dissipa-se depressa. As crianças e os jovens passam rapidamente de um desejo para o seguinte, educadas por um modelo que confunde ter com ser. Não se trata de demonizar os

presentes nem de defender um Natal austero, mas de questionar um desequilíbrio cada vez mais evidente. Quando tudo é oferecido, o essencial corre o risco de se perder.

E se, neste Natal, poupássemos um pouco nos bens materiais e investíssemos no que é verdadeiramente indispensável? E se trocássemos parte do consumo por presença, escuta e partilha? Os nossos filhos precisam menos de coisas e mais de referências. Precisam de histórias reais, de experiências vividas, de raízes que os ajudem a construir identidade num mundo cada vez mais marcado pela velocidade, pela fragmentação e pela volatilidade.

Contar-lhes a nossa história pessoal é um gesto simples e profundamente transformador. Falar da nossa infância – das brincadeiras na rua, das limitações, dos medos, dos sonhos – ajuda as crianças a perceber que a vida não começa nelas nem se esgota no imediato. Mostrar-lhes que também fomos inseguros, que tivemos receios, que errámos e aprendemos, humaniza os adultos e aproxima gerações. Não educamos apenas com recomendações; educamos, sobretudo, com testemunhos.

Visitar os familiares mais velhos é outro presente imaterial de valor incalculável. Levar os filhos a casa dos avós, dos tios mais idosos, ouvir as suas histórias – mesmo quando se repetem – observar fotografias antigas, aprender nomes que já quase não se dizem. Numa sociedade que tende a afastar a velhice e a esconder a fragilidade, este contacto ensina respeito, empatia e sentido de continuidade. Ensina que o tempo deixa marcas, mas também sabedoria.

Os mais velhos são arquivos vivos de experiências que não se encontram nos manuais escolares nem nos ecrãs. Falam de um país diferente, de dificuldades superadas, de escolhas feitas sem garantias, de vidas construídas com menos opções e maior resistência. Ao escutar essas narrativas, as crianças aprendem que a vida não é linear, que o conforto atual foi conquistado e que nada é adquirido por acaso. Aprendem, sobretudo, a

valorizar o que têm.

Passar o testemunho de vida não é um exercício de nostalgia nem uma tentativa de impor modelos do passado. É um ato de responsabilidade intergeracional. Ao partilharmos experiências pessoais e familiares, transmitimos valores sem os impor: a importância do esforço, da solidariedade, da perseverança, da capacidade de lidar com a frustração e com a incerteza. Oferecemos ferramentas invisíveis, mas decisivas, para a vida adulta.

Num mundo dominado pela informação fragmentada e por narrativas fabricadas, os nossos filhos precisam de factos reais e de momentos sentidos. Precisam de saber que as histórias mais importantes não são perfeitas, mas verdadeiras. Que a vida se constrói com dúvidas, escolhas difíceis, erros assumidos e afetos duradouros.

Talvez o maior presente deste Natal não caiba debaixo da árvore. Talvez esteja numa conversa sem pressa, numa visita em família, num serão passado a recordar. São esses momentos que permanecem, que moldam o carácter e que dão sentido à vida. Os filhos precisam de memória para poderem construir o futuro.

E se este Natal fosse menos sobre o que damos e mais sobre o que transmitimos? Menos sobre o que se compra e mais sobre o que se partilha. No fim, é disso que se fazem as histórias que realmente importam – e é esse, talvez, o presente que nunca perde o brilho.